

## IDIOMAS SEM FRONTEIRAS - INGLÊS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO LINGUÍSTICO NA UFS

Lucas Natan Alves dos Santos (Graduando - UFS/CNPq)

Rodrigo Belfort Gomes (Doutor - UFS)

**Resumo:** Com o processo de globalização, a supressão das distâncias impostas pelo tempo e espaço (HALL, 2012) e as mudanças repentinas dos mercados e das tecnologias que afetam todos os países, é perceptível o aumento da interconectividade entre as instituições de ensino superior ao redor do mundo, o que leva as instituições de ensino superior (IES) a buscarem melhores índices de internacionalização, a partir da integração das dimensões internacional, intercultural e global no ensino superior (KNIGHT, 2003). Na Universidade Federal de Sergipe (UFS), assim como na maioria das IES brasileiras, esse processo vem sendo facilitado e entrelaçado pelo Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF), que foi instaurado em 2012, e que, desde então, vem trabalhando a partir de ações de formação de professores e desenvolvimento linguístico da comunidade acadêmica, tendo sempre como foco a internacionalização. Levando esses aspectos em consideração, esse trabalho tem como objetivo analisar a percepção dos alunos do IsF-Inglês no que se refere ao reconhecimento do papel do programa para o desenvolvimento linguístico dos cursistas bem como do foco de internacionalização, perceptível ou não, nas aulas assistidas. Para tanto, buscou-se o levantamento de dados por meio de documentos oficiais, dados internos do IsF, além da aplicação de questionários junto à comunidade acadêmica. Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa e quantitativa, inserida no campo interpretativista. Com a análise dos dados em andamento, os participantes da pesquisa sinalizaram a correlação entre a participação nos cursos do IsF e o desenvolvimento linguístico perceptível por eles, bem como a identificação das questões da internacionalização nas aulas do programa e a função do IsF no desenvolvimento de ações em prol da internacionalização da IES.

**Palavras-chave:** Idiomas sem Fronteiras, internacionalização, desenvolvimento linguístico

### Introdução

A globalização não é um fenômeno apenas característico da contemporaneidade, Miglioli (1999), por exemplo, aponta seus primórdios na Antiguidade, e para esse autor, o evento mais célebre dessa época aconteceu nas primeiras décadas do século II a. C. com o ápice do Império Romano. Já para Mufwene (2010), as origens desse fenômeno (ou seus desdobramentos) remetem ao século XV, período em que as Grandes Navegações foram iniciadas. Mas há um consenso entre os/as estudiosos/as de que a globalização como a conhecemos na atualidade começou a ser delineada com mais realce nas últimas décadas do século passado, o XX, sobretudo na década de 1990 (CAMPOS; CANAVEZES, 2007; MIGLIOLI, 1999).

Rodrigues, Oliveira e Freitas (2001), assim como Miglioli (1999), consideram os acontecimentos desse período como essenciais ao estabelecimento desse processo: o fim da Segunda Guerra Mundial, a ascensão dos Estados Unidos como uma potência hegemônica, a desintegração da União Soviética, o progresso do capitalismo como sistema econômico, e os avanços revolucionários da tecnologia da informação. Nesse sentido, a globalização se concretiza como um processo complexo, de abrangência continental, circunscrito nos campos econômico, político, social, cultural e espacial.

Juntamente a essas peculiaridades, a globalização vem provocando o encadeamento de transformações abruptas e imprevistas a nível global (apesar das fronteiras físicas) nos mercados, nas tecnologias, nas vidas das populações através da intensificação dos fluxos de pessoas, de culturas, de informações, de conhecimentos, de ideologias e de línguas numa compressão do tempo e do espaço (FINARDI *et al*, 2020; RODRIGUES; OLIVEIRA; FREITAS, 2001; MIGLIOLI, 1999; MUFWENE, 2010; HALL, 2012). Desse modo, nenhuma instituição social escapa desses eventos. O contexto do ensino superior tem sido fortemente atingido com essas mudanças e um processo paralelo à, e acentuado pela globalização, contribui para que as pesquisas, os projetos e os conhecimentos produzidos nesse nível de ensino não estejam restritos ao próprio país.

Estamos falando do processo de internacionalização, que também não possui suas primícias na contemporaneidade, mas está inteiramente ligado às universidades desde a Idade Média europeia (STALLIVIERI, 2017). Também é um processo de muita complexidade e de definição mutável, a depender do contexto em que seja trabalhado, uma vez que é desenvolvido continuamente (KNIGHT, 2005). Porém, no ensino superior, a definição mais recorrente trata a internacionalização como “o processo de integração de uma dimensão internacional, intercultural ou global na finalidade, nas funções ou na oferta de instituições e sistemas de educação pós-secundária” (KNIGHT, 2004, p. 11 *apud* KNIGHT, 2020, p. 24).

Nesse caminho, as instituições de ensino superior se internacionalizam, sobretudo, por intermédio de programas de mobilidade acadêmica, acordos de cooperação, projetos de desenvolvimento internacional, pesquisas científicas e redes de colaboração entre pesquisadores/as de todo o mundo (KNIGHT, 2005; FINARDI *et al*, 2020; SANTOS; REIS, 2020). A internacionalização se configurava até recentemente como um instrumento para aprimorar as três missões de uma universidade (o ensino, a pesquisa e a extensão), mas, atualmente, já deve ser tida como a quarta missão (SANTOS; REIS, 2020), muito devido à

transposição da noção de fronteiras, embora a presença das fronteiras físicas ainda permaneça (FINARDI *et al*, 2020).

### **A Internacionalização (tardia) do ensino superior brasileiro**

Primeiramente, é perceptível que as relações coloniais não foram cessadas com o fim do colonialismo, elas são constantemente reconstruídas através da colonialidade (MIHO, 2018). As nações do Norte ainda se estabelecem como “metrópoles” e as do Sul como “colônias”, em especial na produção do conhecimento considerado válido. Isso se deve à globalização, por se tratar de um processo desigual, excludente e hegemônico, e por manter os Estados Unidos e a Europa como “colonizadores” ininterruptos.

Podemos observar essas relações desiguais no processo de internacionalização brasileiro, o qual é tido como passivo (LIMA; MARANHÃO, 2009 *apud* FINARDI; GUIMARÃES; MENDES, 2020) justamente por se desenvolver verticalmente, tendo o Norte como modelo. A título de exemplificação, Miho (2018) advoga acerca dos testes de proficiência utilizados para se obter o nível linguístico de um/a brasileiro/a aprendiz/falante da língua inglesa. Para a autora, os testes reforçam as relações Norte-Sul e a manutenção da colonialidade, na medida em que levam em consideração o inglês padrão, a narrativa do falante nativo e são produzidos por empresas estadunidenses e britânicas.

Além do já posto, é necessário considerar o ensino superior brasileiro carente de programas e políticas que favoreçam o desenvolvimento e a expansão da internacionalização. Em uma pesquisa feita com as declarações de missão de 62 universidades federais do país, Guimarães *et al* (2020) não localizaram o termo “internacionalização”, já a alusão ao termo “internacional” estava presente em 7 declarações, somente.

Os programas com vista à internacionalização no Brasil são majoritariamente instaurados e financiados pelas agências de fomento governamentais CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Com esse cenário, em 2011, mediante o Decreto nº 7.642, foi estabelecido o Programa Ciência sem Fronteiras (CsF), um dos mais notáveis da América Latina (FINARDI *et al*, 2020), que objetivava, com bolsas de estudo, internacionalizar as instituições de ensino superior brasileiras através da ampliação da mobilidade acadêmica em instituições estrangeiras (a princípio, localizadas em países falantes de língua inglesa) e a cooperação técnico-científica.

Todavia, já em seu início, o CsF apresentou brechas: os/as estudantes não tinham um nível de proficiência linguística satisfatório para a aprovação na instituição pela qual optaram. O delineamento do CsF esteve inteiramente focado em internacionalizar por meio da mobilidade acadêmica, mas a internacionalização não ocorre sem uma política linguística que ampare os/as estudantes e pesquisadores/as em suas vivências fora de seu país de origem. Nessa perspectiva, o programa Inglês sem Fronteiras (IsF) foi instituído, em 2012, vinculado ao CsF a fim de preparar os/as estudantes, candidatos/as à bolsa, para os testes de proficiência obrigatórios para a admissão na instituição do exterior.

### **Percursos do Idiomas sem Fronteiras**

O Inglês sem Fronteiras (IsF) foi estabelecido em dezembro de 2012, através da Portaria Normativa nº 1.466, promulgada pelo MEC. Como um programa inteiramente voltado ao Ciência sem Fronteiras, seu principal objetivo estava em possibilitar a preparação dos/as estudantes participantes do CsF para a realização de testes de proficiência exigidos pelas universidades, localizadas em países falantes de língua inglesa, às quais se destinavam (BRASIL, 2012). Para a concretização do objetivo, o IsF atuava em 3 linhas: cursos presenciais acontecidos no ambiente da IES brasileira, cursos virtuais através da plataforma My English Online (MEO), além da aplicação de testes TOEFL ITP a fim de diagnóstico do nível linguístico dos/as participantes.

Dois anos mais tarde, em 2014, o Inglês sem Fronteiras foi integrado ao Idiomas sem Fronteiras (permanecendo a mesma sigla, IsF), programa que decorreu da necessidade de aprendizado de outras línguas estrangeiras (a exemplo do espanhol, alemão, português como língua estrangeira, francês e mandarim), tendo em vista o plurilinguismo rotineiro dos ambientes acadêmicos e do mundo globalizado. Essa mudança ocorreu pautada na Portaria Normativa nº 973/2014, que além de instituir o Idiomas sem Fronteiras, procurou expandir as vagas para estudantes, professores/as e servidores administrativos das IES participantes, desse modo, deixando de se concentrar somente no CsF (BRASIL, 2014).

A Portaria Normativa de nº 30/2016 balizou a formação de professores de línguas, uma vez que até aquele ano essa formação era concentrada em cada NuLi, por intermédio dos/as coordenadores/as. Da mesma forma, nessa portaria foi apresentado pela primeira vez o compromisso para a implementação de políticas linguísticas nas instituições participantes do Programa (BRASIL, 2016).

Contudo, esse cenário foi alterado em 2019, sob a nova gestão do MEC, que teceu

críticas ao programa, afirmando que “não funcionou” (PALHARES, 2019) no cumprimento de seu(s) objetivo(s), embora os índices de todos esses anos de atividade (como os dispostos neste trabalho) demonstrem o contrário. O MEC, assim, passa a ser apenas um parceiro do IsF, não mais o patrocinador. Ainda no mesmo ano, no mês de novembro, a Andifes (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior), amparada na Resolução de nº 01/2019 (BRASÍLIA, 2019), procurou dar prosseguimento às atividades do Programa, o qual passou a ser denominado Rede Andifes de Idiomas sem Fronteiras (Rede Andifes IsF).

Diante do exposto até agora, esse artigo teve como objetivo analisar a percepção dos alunos do IsF-Inglês da Universidade Federal de Sergipe no que se refere ao reconhecimento do papel do programa para o desenvolvimento linguístico dos cursistas bem como do foco de internacionalização, perceptível ou não, nas aulas assistidas.

### **O IsF-Inglês na UFS, desenvolvimento linguístico e internacionalização**

Na Universidade Federal de Sergipe (UFS), o programa está presente desde o ano de 2013, no campus São Cristóvão, com ofertas de cursos presenciais de 16 e 64 horas, além das aplicações de testes TOEFL ITP, que vieram a ser finalizadas em 2019, com o término do contrato entre o MEC e a empresa responsável pelos testes no país, a MasterTest. No âmbito do NuLi-UFS, os idiomas ofertados são o francês, espanhol, português como língua estrangeira e o inglês, sendo esse último o mais recorrente em número de cursos e ofertas (como mostra o gráfico 1, com o número de vagas ao longo dos anos pesquisados).

Assim sendo, a pesquisa realizada através do plano de trabalho “Idiomas sem Fronteiras: desenvolvimento linguístico” entre setembro de 2020 e agosto de 2021 no contexto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq/UFS), da qual este trabalho é proveniente, buscou se concentrar nos cursos de Inglês oferecidos pelo NuLi-UFS entre os anos de 2014 e 2020. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa e quantitativa, de base interpretativista, que teve como instrumento de coletas de dados, documentos e dados internos do IsF a nível local e nacional, assim como a aplicação de questionários junto à comunidade acadêmica participante. Foram enviados questionários aos e-mails de 1504 cursistas que participaram de cursos em 2018, 2019 e 2020 (e os nomes utilizados para identificar os/as respondentes são fictícios).

Tabela 1: número de questionários enviados e recebidos por ano

Ano	2018	2019	2020	Total:
Número de questionários enviados	550	510	444	1504
Número de questionários respondidos	68	99	75	242

Fonte: elaborado pelos autores.

Dentre os resultados alcançados, foi possível estabelecer o perfil dos/as cursistas do IsF-Inglês: trata-se de uma maioria jovem, entre 18 e 30 anos, que frequenta a graduação da UFS, tem o nível linguístico intermediário e participa em média de 2 a 5 cursos. Por sua parte, os cursos foram buscados pela comunidade acadêmica, tendo como alvo o desenvolvimento linguístico, fato que evidencia o alcance e a materialização do principal objetivo do IsF-Inglês:

“Para aprender mais, desenvolver minhas habilidades linguísticas e me ajudar com as leituras em inglês do meu curso que eu não entendia.”  
(Maria)

“Possibilidade de ampliar meus conhecimentos e praticar conversação e interação em inglês com outros.” (Bryan)

“Busco me aperfeiçoar no inglês e muita gente me recomendou o IsF.”  
(Marie)

“Não tinha muito conhecimento da língua inglesa e sabia que era importante. Então queria aperfeiçoar e aprender e ingressei no IsF.”  
(Antônia)

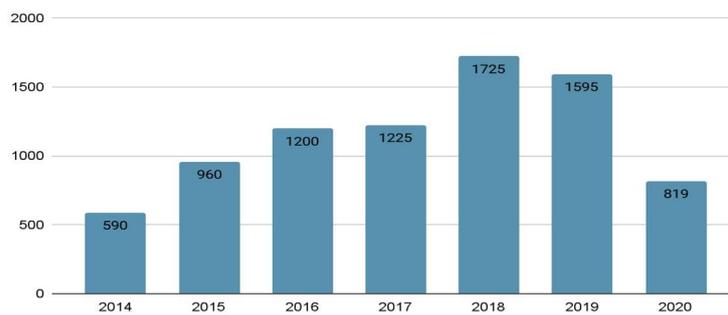
“O desejo de possuir uma segunda língua somada ao fato que não tenho capacidade financeira de desenvolver essa habilidades em programas que não sejam gratuitos.” (Mr. Fish)

“Para aprimorar minhas capacidades de leitura e compreensão, necessárias ao longo da minha graduação, bem como para conseguir desenvolver um nível que me permitisse acessar conteúdos variados em inglês (série, filmes, livros, vídeos, etc.).” (Airam)

Ademais, constatou-se o aumento progressivo e contínuo da quantidade de vagas ofertadas entre 2014 e 2018, seguindo de uma queda em 2019, justamente o ano em que o MEC deixa de ser o financiador do Programa, e em 2020, quando o IsF-Inglês começa a ter suas atividades custeadas por meio da Pró-reitoria de Pós Graduação e Pesquisa (POSGRAP) e da Pró-reitoria de Graduação (PROGRAD) da UFS. Com a redução do valor das bolsas, os professores em formação passaram a ministrar uma turma por oferta, ao invés das três que eram ofertadas por professor, até 2019.

Gráfico 1: número de vagas ofertadas por ano

Número de vagas ofertadas

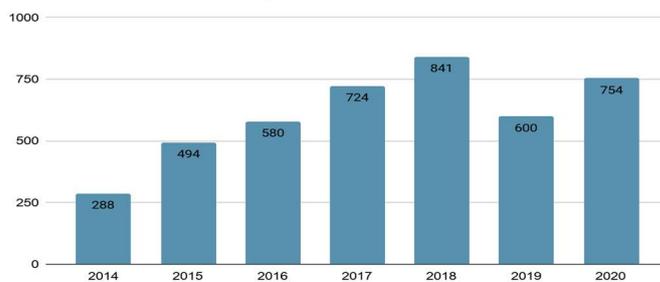


Fonte: elaborado pelos autores.

O ano de 2020 também é marcado por mudanças consideráveis, não apenas no IsF- Inglês: a pandemia de covid-19 causou deslocamentos nos ambientes e nas vidas das pessoas em todo o mundo. Devido à alta carga de transmissão do vírus e em obediência aos decretos do Governo do Estado, a Universidade Federal de Sergipe passou a adotar o ensino remoto emergencial, com isso os cursos do IsF-Inglês se deram mediante o suporte da plataforma de comunicação virtual *Microsoft Teams*. Conforme gráfico abaixo, essa mudança não intimidou o número de matrículas em 2020, que superou o ano antecedente, 2019:

Gráfico 2: número de matrículas por ano

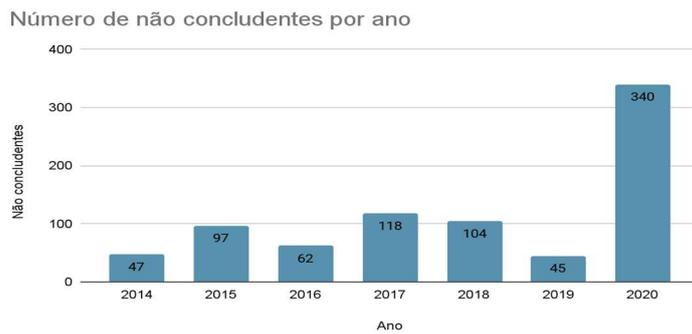
Número de matriculados por ano



Fonte: elaborado pelos autores.

Porém, ao serem considerados os índices de não concludentes do ano de 2020, ficou evidente que o ensino remoto causou desistências em um grande número de matriculados/as. Foi o ano em que o IsF possuiu o maior número de cursistas que não chegaram ao fim de seu/s curso/s, conforme destacado no Gráfico 3.

Gráfico 3: número de não concludentes por ano



Fonte: elaborado pelos autores.

Nesse cenário incerto do ensino remoto, foi, então, perguntado aos/às cursistas de 2020, no questionário, sobre suas experiências nesse período. As respostas obtidas foram de caráter descoincidente, uma vez que as opiniões realçaram tanto os benefícios quanto os infortúnios dessa nova modalidade. Mile, por exemplo, expôs seu descontentamento com a falta da relação professor/a-aluno/a no ambiente virtual:

“As aulas presenciais fizeram bastante falta[,] pois havia um contato professor aluno[,] o que permitia interações e possibilidades de práticas orais” (Mile).

Por outro lado, Iracelma e Cassiane se sentiram confortáveis com o ambiente para o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira:

“Positivo foi o fato de ser online, pra mim é muito melhor” (Iracelma),  
 “Adorei a possibilidade das aulas remotas, dá maior estímulo no processo de aprendizagem” (Cassianne).

Já Flor apresentou suas perspectivas boas e ruins quanto ao ensino remoto:

“Aspectos positivos: acessibilidade e conforto. Negativos: Problemas técnicos” (Flor).

Houve ainda indagações aos/às respondentes sobre as contribuições oportunizadas pelo Programa em suas vidas pessoal e acadêmica. Nessa questão, eles/as poderiam escolher mais de uma alternativa, e os registros podem ser acessados no Gráfico 4.

Gráfico 4: formas de contribuição do IsF

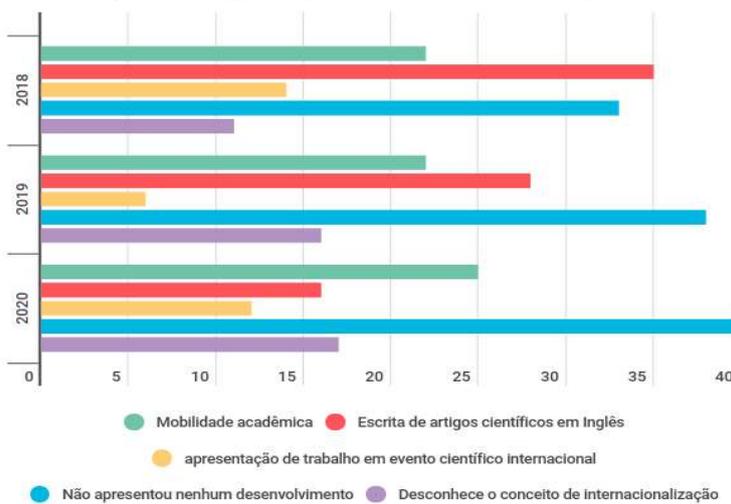
**Formas de contribuição do IsF para a vida acadêmica/pessoal**



Fonte: elaborado pelos autores.

Gráfico 5: contribuições para a internacionalização

**Contribuição do IsF para ações de internacionalização**



Fonte: elaborado pelos autores.

Um dos pilares do IsF é a internacionalização, por isso uma das questões se voltou às contribuições para o desenvolvimento desse processo, a partir da percepção dos/as cursistas e de suas vivências acadêmicas (mais de uma opção poderia ser assinalada) e as opiniões dos alunos foram registradas no Gráfico 5.

**Algumas considerações**

A globalização tem ocasionado transformações que são facilmente percebidas nas sociedades contemporâneas e suas instituições. No caso do ensino superior, a globalização

vem impulsionando outro fenômeno, o da internacionalização. Internacionalizar, como vimos, tornou-se uma das missões das universidades, nessa conjuntura, mas com a falta de uma política linguística, esse processo não tem possibilidade de um desenvolvimento sólido e permanente.

O Inglês sem Fronteiras surge quando a mobilidade acadêmica foi priorizada, antes mesmo do desenvolvimento linguístico dos/as participantes do Ciência sem Fronteiras. Alguns anos mais tarde, evoluiu para Idiomas sem Fronteiras e outras línguas, além do inglês, foram englobados. Neste trabalho, buscamos, dessa maneira, reconhecer o papel do IsF-Inglês no que tange o desenvolvimento linguístico de seus/as participantes, alunos/as e servidores/as da Universidade Federal de Sergipe e identificar o papel do IsF na formação da comunidade acadêmica da UFS, levando em consideração as contribuições para a vida pessoal e profissional do(a) aluno(a) do Programa.

Como resultados obtidos, foi possível considerar, através das percepções e das respostas dos/as respondentes do questionário, a correlação entre o desenvolvimento linguístico e os cursos de Inglês do IsF, como também algumas questões referentes à internacionalização, como o papel do IsF para o desenvolvimento da escrita de artigos científicos em língua inglesa e, conseqüentemente, para ações relacionadas à vivência acadêmica e à internacionalização. Em síntese, o IsF se mostra/ou como um contribuinte tanto para o aprendizado de uma língua estrangeira pela comunidade da UFS quanto um fomentador do seu processo de internacionalização.

## Referências

BRASIL, Ministério da Educação. *Portaria MEC 30/2016*. Amplia o Programa Idiomas sem Fronteiras. Disponível em: <[http://isf.mec.gov.br/images/2016/janeiro/Portaria\\_30\\_IdiomassemFronteiras\\_2016.pdf](http://isf.mec.gov.br/images/2016/janeiro/Portaria_30_IdiomassemFronteiras_2016.pdf)>. Acesso em: 08 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Superior. Programa Idiomas sem Fronteiras. Portaria n. 973, de 14 de novembro 2014. Disponível em: <[http://isf.mec.gov.br/images/pdf/novembro/Portaria\\_973\\_Idiomas\\_sem\\_Fronteiras.pdf](http://isf.mec.gov.br/images/pdf/novembro/Portaria_973_Idiomas_sem_Fronteiras.pdf)>. Acesso em: 1 ago. 2021.

BRASIL. Portaria No 1.466, de 18 de dezembro de 2012. Institui o Programa Inglês sem Fronteiras. Disponível em: <[http://isf.mec.gov.br/images/pdf/portaria\\_normativa\\_1466\\_2012.pdf](http://isf.mec.gov.br/images/pdf/portaria_normativa_1466_2012.pdf)>. Acesso em: 1 ago. 2021.

BRASIL. Programa Ciências sem Fronteiras. Decreto no 7.642, de 13 de dezembro 2011. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/decreto/d7642.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7642.htm)>. Acesso em: 26 jul. 2021.

BRASÍLIA. *Resolução do Conselho Pleno da Andifes n. 01/2019*. Cria na estrutura da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES), a Rede Andifes Nacional de Especialistas em Língua Estrangeira – Idiomas sem Fronteiras, denominada Rede Andifes IsF. Nov/2019. Disponível em: <<http://www.andifes.org.br/portaria-de-criacao-da-rede-isf-na-andifes/>>. Acesso em: 08 jul. 2021.

CAMPOS, L.; CANAVEZES, S. *Introdução à Globalização*. Instituto Bento de Jesus Caraça: Lisboa, 2007.

FINARDI, K. R. et al. Internationalization and Languages Policies in Brazil: quality and assessment evidence from a glocal proposal. In. CALVO, L. C. S.; EL KADRI, M. S.; PASSONI, T. P. (orgs.). *Languages Policies and Internationalization of Higher Education Institutions in Brazil: contributions from Applied Linguists*. Pontes Editores: Campinas, 2020. p. 25-42.

FINARDI, K. R.; GUIMARÃES, F. F.; MENDES, A. R. Reflecting on Brazilian Higher Education (Critical) Internationalization. *Revista Internacional de Educação Superior*, Campinas, v. 6, 2020, p. 1-23.

GUIMARÃES, F. F. et al. The mission statements of the federal universities and the projection of internationalization in Brazil. *System*, v. 94, 2020, p. 1-13.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2012.

KNIGHT, J. An Internationalization Model: responding to new realities and challenges. In. DE WIT, H.; JARAMILLO, J. G.; KNIGHT, J. (orgs.). *Higher Education in Latin America: the international dimension*. Washington, D. C.: The World Bank, 2005. p. 1-38.

KNIGHT, J. *Internacionalização da educação superior: conceitos, tendências e desafios*. 2 ed. São Leopoldo: Oikos, 2020.

KNIGHT, J. *Updating the definition of internationalization*. International Higher Education, p. 2–3, 2003.

MIGLIOLI, J. A globalização numa visão histórica. *Estudos de Sociologia*, São Paulo, v. 6, 1999, p. 154-162.

MIHO, S. R. G, Globalização, internacionalização e proficiência em língua inglesa: Entre as fronteiras da colonialidade. *Revista Desempenho*, n. 28, v. 1, 2018, p. 1-18.

MUFWENE, S. S. Globalization, Global English, and World English(es): Myths and Facts. In. COUPLAND, N. (Org.). *The Handbook of Language and Globalization*. Blackwell: Malden, 2010, p. 31-55.

PALHARES, I. Ministério da Educação vai acabar com programa Idiomas sem Fronteiras. *UOL*, 2019. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2019/07/19/idiomas-sem-fronteiras-sera-encerrado-pelo-mec.htm>>. Acesso em: 29 jul. 2021.

RODRIGUES, A. M. S.; OLIVEIRA, C. M. V. C.; FREITAS, M. C. V. Globalização, cultura e sociedade da informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 97-105, jan.-jun. 2001.

SANTOS, G. M. T.; REIS, J. P. C. Covid-19 e internacionalização em casa: potencialidades para o processo de ensino-aprendizagem na educação superior. *Boletim de Conjuntura*, Boa Vista, ano II, v. 4, n. 11, 2020, p. 18-27.

STALLIVIERI, L. Compreendendo a internacionalização da educação superior. In: *Revista de Educação do Cogeime*, Ano 26, n. 50, jan/jun 2017, p. 15-36.